

RESUMO EXPANDIDO

CERÂMICA PRÉ-COLONIAL E A IDENTIDADE DO ALUNO PARAENSE: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO EM ARTES VISUAIS

Leila Tatiane Cardoso de Oliveira¹

Victor Eduardo Rodrigues de Lima²

Fábio Rangel Pinheiro Ferreira³

Júnia de Barros Braga Vasconcelos⁴

Rita de Cássia Cabral Rodrigues de França⁵

RESUMO

Apresentamos neste trabalho os resultados parciais de vivências relacionadas ao Estágio Supervisionado Curricular do Curso de Artes Visuais realizado nas turmas de 4º Ano do Ensino Fundamental na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. O objeto do estudo é o processo de regência sobre a Cerâmica Pré-colonial na Amazônia, considerando sua relevância pela sua complexidade e por ser um tema presente no contexto regional, devendo, por isso, ser conteúdo obrigatório no currículo da disciplina Artes. Utilizou-se a metodologia qualitativa descritiva, tendo a fundamentação teórica para cerâmica marajoara com Amorim (2010), Schaan (2009) e Vasconcelos (2003). Em etapas, primeiro a revisão bibliográfica, coleta de dados com o diário de bordo, elaboração da regência e seus recursos didáticos. Como resultado do trabalho realizado, constatamos que os alunos foram capazes de perceber a complexidade das características da cerâmica Marajoara, o que fortaleceu a identidade amazônica de nossos estudantes.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Arte-educação; cerâmica pré-colonial paraense; grafismo.

INTRODUÇÃO

O presente resumo refere-se a uma experiência vivenciada no Estágio Supervisionado da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará na Escola de Aplicação da UFPA, sendo este componente obrigatório do curso, a ser vivenciado em turmas de Ensino Fundamental por ser de grande relevância para contribuir com a formação inicial do professor. Para Magalhães o estágio é um momento significativo para os discentes/estagiários terem ideias potentes, isso porque: “No processo de elaboração e execução dos projetos educativos em Arte no contexto dos estágios curriculares as potencialidades dos estudantes/estagiários são reveladas” (2019, p. 46).

¹ ICA/UFPA, licencianda em Artes Visuais/ leilatatiane.trabalhos@gmail.com

² ICA/UFPA, licenciando em Artes Visuais/ victorlimarodrigues9@gmail.com

³ ICA/UFPA, licenciando em Artes Visuais/fabiorangelpinheiro@gmail.com

⁴ EAUFGPA, Mestre em Artes Visuais (UFRJ)/docente efetiva de Artes na Escola de Aplicação da UFPA/juniabbv@gmail.com.

⁵ Docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará e ProfArtes/UFPA. Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação PROFARTES/UFPA. E-mail: rcabralfranca12@gmail.com.

Tal experiência englobou a participação em três turmas de 4º ano e no projeto de pesquisa “Poéticas Modernas na Amazônia: o grupo Neomarajoara”, que produz conhecimento e recursos didáticos sobre Cerâmica Marajoara e seus desdobramentos na contemporaneidade, a fim de serem aplicados no ensino de Arte na Educação Básica, estando em consonância com o plano de ensino da professora regente para o semestre em questão, o que favoreceu a revisão bibliográfica para as atividades desenvolvidas.

Destacamos que o tema Cerâmica Pré-colonial Paraense faz-se de grande importância no currículo da disciplina Arte na Educação Básica por promover a implementação da Lei 11.645 (Brasil, 2008), que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e, especificamente, indígena, visando corrigir o apagamento histórico desses povos e promovendo uma educação mais inclusiva, multicultural e antirracista. O ensino desse tema oferece ainda uma rica oportunidade para desenvolver todas as habilidades propostas na BNCC para o ensino de Arte.

Neste estudo partimos de uma indagação levantada sobre o lugar do ensino da arte indígena no currículo da Educação básica e do próprio curso de licenciatura, constatando em Santos et al (2022), Vasconcelos et al (2025) e França (2024) que, apesar de vivermos em uma região onde a produção cerâmica faz parte do contexto cultural e histórico, seu conhecimento e do seu grafismo evidencia uma lacuna muito grande, uma vez que esses currículos ainda privilegiam referências eurocêntricas, causando prejuízo para o conhecimento das culturas regionais. Diante disso, questionamos, então, como inserir o estudo da cerâmica pré-colonial paraense e seu grafismo de forma significativa no ensino de Artes Visuais, a partir de uma perspectiva decolonial que valorize os saberes locais, fortaleça a identidade cultural dos estudantes e dialogue com a realidade em que estão inseridos?

A partir desta indagação, apresentamos os resultados parciais de uma regência que propõe apresentar aos estudantes, através do ensino de Arte, a cerâmica amazônica e a complexidade dos seus grafismos desenvolvidos no período pré-colonial pelos povos originários da região, contextualizando o tema desde a sua origem indígena até o seu uso contemporâneo e sua importância enquanto parte da identidade e cultura da regional, buscando estimular o interesse dos estudantes a respeito da cultura pré-colonial e o processo artístico das culturas originárias da região amazônica.

Destacamos nesta experiência a fase exploratória para definição do objeto de pesquisa, dos sujeitos e referenciais teóricos; a fase de coleta de dados realizada por meio da observação e anotações dos licenciandos sobre o campo de estágio, o planejamento e a metodologia que estava sendo desenvolvida pelo professor; a fase de planejamento da Intervenção Pedagógica, por meio de encontros semanais; a experimentação pedagógica em si e a análise dos resultados.

METODOLOGIA

A metodologia é de cunho qualitativo com caráter descritivo, primeiramente com a revisão bibliográfica, para cerâmica marajoara com Amorim (2010), Schaan (2009) e Vasconcelos (2003). O locus da pesquisa foi a Escola de Aplicação da UFPA. É um relato de experiência da professora supervisora do estágio e discentes/estagiários, das regências dos conteúdos abordados em sala em consonância com a pesquisa desenvolvida pelo projeto Neo-Marajoara. As regências/experiências foram aplicadas nas turmas 4001, 4002 e 4003. O instrumento de coleta de dados foi o diário de bordo e elaboração da regência e seus recursos didáticos.

DISCUSSÕES TECIDAS COM A EXPERIÊNCIA

A proposta de regência foi aplicada nas turmas 4001, 4002 e 4003, sendo organizada em duas aulas, considerando a complexidade e amplitude do conteúdo. Seguindo a *abordagem triangular* sistematizada por Barbosa (2010), a primeira aula foi estruturada para que as

habilidades do ler (análise de imagens), contextualizar (compreensão histórico-geográfica) e fazer (produção artística), propostas na referida abordagem, fossem sendo desenvolvidas paralelamente na aula, o que é descrito pela autora como ziguezague.

Os alunos foram introduzidos ao tema “Cerâmica Pré-colonial” por meio da apresentação e exploração de imagens de peças cerâmicas diversas, sendo indagados sobre de que se tratava, de que material eram produzidas, e se recordavam de haver objetos de cerâmica em suas casas. Citamos exemplos de objetos cerâmicos utilizados cotidianamente em muitas casas brasileiras, como vasos, filtros de barro, tigelas, cumbucas, etc.

Partindo desta introdução, foi apresentada a Cerâmica Pré-colonial, que era praticada pelos povos indígenas que habitavam o continente sulamericano antes do processo de colonização. Tais peças eram produzidas com diversas técnicas, finalidades e funções, tendo como destaque por sua complexidade as cerâmicas marajoaras e tapajônicas, produzidas no Estado do Pará. Realizamos a leitura da imagem de uma urna funerária encontrada em um teso na ilha do Marajó, datada de 400 a 1.400 d.c., pedindo para os estudantes identificarem as figuras representadas em sua superfície. Após o levantamento de hipóteses, a turma chegou ao consenso de que se tratava da forma simplificada de uma coruja. Explicamos que, assim como na lenda regional a coruja “Rasga Mortalha” é associada ao anúncio da morte, cultura marajoara a presença deste animal em urnas funerárias é bastante comum por materializar o universo entre pessoas e seres espirituais, atuando como um signo de comunicação visual entre o mundo dos vivos e dos mortos (Schaan, 2009). Foi apontada a peculiaridade da cerâmica pré-colonial amazônica por suas técnicas, importância cultural e histórica, seu método artesanal, o uso de pigmentos naturais e suas diferentes funções: utilitárias, ritualísticas e decorativas.

Apresentamos a argila enquanto materialidade artística, sendo um recurso natural encontrado em abundância nos leitos dos rios e igarapés da Amazônia que, por possuir uma natureza maleável, facilita a modelagem e possibilita a criação da cerâmica. Foi apresentado o processo transformação da argila em cerâmica, da extração do ambiente natural, à limpeza, amaciamento, retirada de bolhas de ar, a modelagem, desenho e queima. Utilizamos o vídeo “Como o BARRO vira CERÂMICA!” do canal Manual do Mundo (2025), onde o apresentador explica brevemente desde o processo da extração da argila ao trabalho dos ceramistas da olaria Família Santana.

Em seguida, desenvolvemos uma atividade prática de modelagem com a argila, em que eles deveriam confeccionar uma pequena vasilha valendo-se das técnicas utilizadas pelos povos originários da Amazônia: a do belisco, com os dedos em pinça, e a do acordelamento, partindo da produção de rolos que se sobrepõem para a formação da parede das peças. Os estudantes receberam uma porção de argila para que observassem a demonstração técnica e fossem acompanhando o passo a passo com as mãos na massa, até a criação de suas peças. Apesar das dificuldades iniciais no manuseio, apresentaram bons resultados e as peças foram deixadas em uma estante para secar naturalmente, por não haver forno para a queima.

Na segunda aula, a leitura de imagem foi conduzida a partir da observação das peças, considerando formato, funcionalidade, tipos de grafismo e formas de produção, destacando processos como simplificação da forma e geometrização. Num aprofundamento do tema foi mostrado que os grafismos indígenas são formados a partir da abstração/simplificação de elementos da natureza, que funcionam como elementos únicos em destaque ou criando padrões como nas peles, couros e penas de animais. O uso de formas geométricas simples faz-se bem comum, organizando-se em simetria e espelhamento, valendo-se de repetições que conferem ritmo aos desenhos. Para além da questão estética, Schaan (2009) defende que os grafismos também possuem significados e devem ser entendidos como uma linguagem iconográfica voltado para a transmissão de mitos e a afirmação de identidades grupais.

Procuramos diferenciar os grafismos dos povos marajoara e tapajônicos, aclarando sobre as diferenças entre essas duas culturas ceramistas, primeiro dando foco na cerâmica e

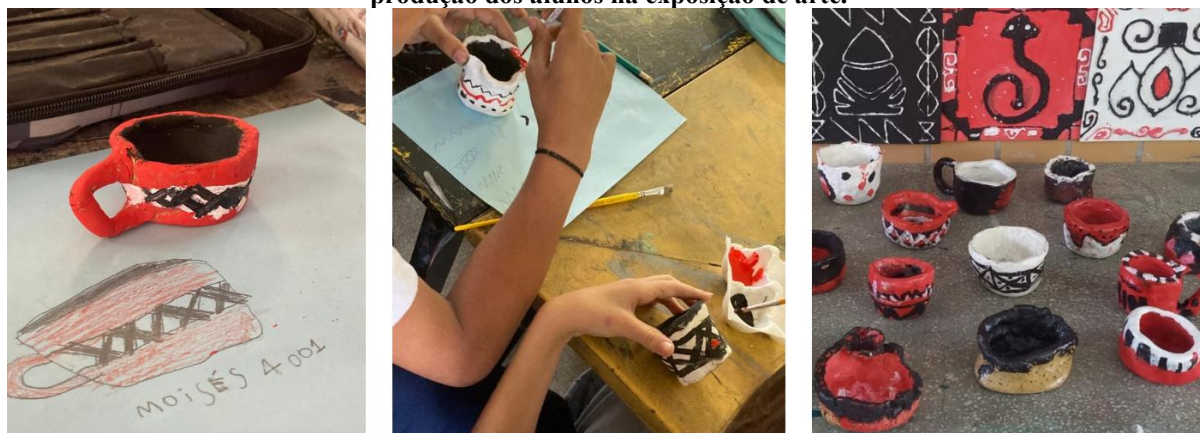
grafismo tapajônico, com suas peculiaridades como as técnicas da incisão e barbotina e o predomínio de figuras zoomórficas (que remetem a animais) e antropomórficas (que remetem ao ser humano) no próprio corpo do objeto. Pedimos que os alunos identificassem essas figuras representadas nas peças, sendo elas a de um jacaré e uma figura humana.

Destacamos ainda o processo de simplificação da forma, que está bem presente no grafismo marajoara com formas humanas, animais e elementos da natureza em processo de abstração (Vasconcelos, 2023). Para expor sobre esse processo de simplificação da imagem, apresentamos aos estudantes uma imagem contendo a figura de um jacaré e quatro grafismos originados dele, sendo um resultante da simplificação do outro, destacamos ainda o uso das cores (vermelho, branco e preto) que os grafismos apresentavam, sobretudo nas peças marajoaras.

Como atividade de fixação, produzimos digitalmente o jogo da memória “Grafismos Marajoara” na plataforma LearningApps⁶, no qual os estudantes deveriam parear a figura de um animal ao seu grafismo correspondente, buscando associar, por exemplo, a imagem de um jacaré à sua simplificação gráfica. O jogo gerou grande entusiasmo e participação, demonstrando que os estudantes compreenderam o processo de simplificação e estilização dos grafismos.

O fazer artístico iniciado na aula anterior seria retomado, com o processo de pintura e desenho de grafismos nas peças de argila, que já estavam secas. Mas, para que a produção desse grafismo não acontecesse de forma aleatória, solicitamos que cada estudante elaborasse, em folha A4, um grafismo autoral ou inspirado nas referências apresentadas, garantindo liberdade criativa a partir das imagens estudadas, como vemos na Figura 1 (a). Após essa etapa de planejamento, iniciaram a pintura das peças em argila crua utilizando tinta guache nas cores preto, vermelho e branco, respeitando a paleta tradicional marajoara, observado na Figura 1 (b). Orientamos que escolhessem uma das três cores para a base da peça e, com as demais, realizassem os grafismos. Eles trabalharam predominantemente com pintura, mas alguns estudantes também exploraram a técnica de incisão com instrumentos simples antes da aplicação da tinta. Como a escola não dispunha de forno para queima, as peças foram finalizadas com verniz para selagem e conservação.

Figura 01 - (a) Projeto do grafismo a ser pintado na peça de argila; (b) pintura do grafismo nas peças; (c) produção dos alunos na exposição de arte.



Fonte: Acervo dos autores

Os resultados compuseram a exposição final dos trabalhos de arte (Figura 1c) e evidenciaram significativa compreensão dos conteúdos abordados. Observando as produções

⁶ Link do Jogo da Memória “Grafismos Marajoara” no site educacional LearningApps: <https://learningapps.org/display?v=pbm41u4bc25>

em argila, pudemos perceber a apropriação da estética marajoara pelos discentes, demonstrando domínio cromático pelo contraste do preto, vermelho e branco, além do uso de formas geométricas, espirais, zigue-zagues e figuras específicas no imaginário deste povo, cuja recorrência em 90% das peças aponta que houve a assimilação da identidade visual Marajoara proposta em aula.

Mesmo partindo de referências comuns, cada estudante desenvolveu soluções visuais próprias, demonstrando uma síntese cognitiva entre a técnica ancestral e a autoria pessoal, revelando autonomia e criatividade e cumprindo o objetivo pedagógico de conectar o fazer artístico à memória cultural da região. Em uma das turmas, destacou-se a experimentação de uma estudante que, após pintar a peça nas três cores, realizou ranhuras com a ponta fina do pincel sobre a tinta já seca, criando um grafismo por subtração, demonstrando apropriação técnica e inventividade. A partir dessa evidência, realiza-se a inferência de que a prática da pintura realizada não se restringiu à decoração, mas demonstra compreensão estética e reconhecimento desse patrimônio amazônico.

De modo geral, a proposta alcançou os objetivos esperados, articulando leitura de imagem, contextualização histórica e prática artística, promovendo aprendizado significativo sobre a cerâmica pré-colonial amazônica e valorizando as identidades culturais dos povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que os objetivos e habilidades propostas foram efetivamente desenvolvidos por meio das atividades realizadas. Os alunos demonstraram maior capacidade de observar, reconhecer e reproduzir grafismos, relacionando-os às características culturais estudadas, e também apresentaram avanços na coordenação motora fina ao trabalhar a modelagem da argila, técnicas de “acordelamento” e belisco, assim como na aplicação de pintura com guache sobre as peças produzidas.

As rodas de conversa e a socialização das escolhas de grafismos reforçaram a compreensão dos significados e contextos dessas formas visuais, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também o entendimento cultural e simbólico dessas manifestações. Dessa forma, foi possível perceber que o estudo da cerâmica marajoara não só ampliou o repertório artístico dos estudantes como também fortaleceu sua capacidade de expressar ideias, interpretar elementos visuais e valorizar a diversidade cultural, cumprindo com as competências esperadas pela BNCC.

Destacamos ainda que investigação realizada no projeto “Poéticas Modernas na Amazônia: o grupo Neomarajoara” foi decisiva para o processo ensino/aprendizagem dos discentes/estagiários que tiveram a compreensão da importância da arte marajoara na construção identitária dos povos amazônidas, possibilitando a construção de conhecimentos e recursos didáticos para a realização de sua regência.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lilian Bayma de. **Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio**. Belém: Museu Emílio Goeldi, 2010.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Orgs.). **A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática

“História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 20 fev. 2024.

FRANÇA, Rita de Cássia Cabral Rodrigues de. Representações dos/as docentes sobre as práticas educativas: as relações étnico-raciais no contexto do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPA. 2024. **Tese** (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. **Experiências de ensinar/aprender artes visuais: o estágio curricular como campo de investigação na formação inicial docente**. 2019. Tese (doutorado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2019.

MANUAL DO MUNDO. **Como o BARRO vira CERÂMICA!** Youtube, 29 de outubro de 2025. Disponível em <https://youtube.com/shorts/TYqg6MyWB10?si=tBg8YCXk9IJtnvd->. Acesso em 19/02/2026.

SANTOS, Francisco Ewerton Almeida dos et al.. Modernismo na Amazônia: Academia do Peixe Frito e Grupo Neomaraçoara. In: Anais do XIV Fórum de Pesquisa e Extensão da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. **Anais...** Belém(PA) EA-UFPA, 2022. SCHAAN, Denise Pahl. **Cultura Maraçoara**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

VASCONCELOS, Junia De Barros Braga; DALFRE, Helena Renato. Grafismo Maraçoara e Abstração: interseção entre pesquisa e interseção entre pesquisa e estágio em Artes Visuais na Escola de Aplicação da UFPA. In: CONFAEB Maranhão: Territórios da Arte na Educação Contemporânea. **Anais...**São Luís(MA) UFMA, 2023.

VASCONCELOS, Júnia de Barros Braga et al.. O barro nas aulas de Artes Visuais: influências da arte maraçoara na formação identitária paraense. In: Anais do XXXIV Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB) e XII Congresso Internacional de Arte/Educadores (CONIAE). **Anais...**João Pessoa(PB) UFPB, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/confaeb2025/1319029-O-BARRO-NAS-AULAS-DE-ARTES-VISUAIS--INFLUENCIAS-DA-ARTE-MARAJOARA-NA-FORMACAO-IDENTITARIA-PARAENSE>. Acesso em: 20/02/2026